



# *Boletim GeoÁfrica*

**Volume 2, Número 6, abril-junho 2023**

## **EDITORIAL**

### ***MOBILIDADE E CIRCULAÇÃO NA ÁFRICA SUBSAARIANA***



*Por Antonio Gomes de Jesus Neto*

1

Antonio Gomes de Jesus Neto  
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em  
Geografia Humana (PPGH), Universidade de São  
Paulo (USP)  
Membro do GeoÁfrica  
<https://orcid.org/0000-0001-7483-7274>  
Contato: [antoniogineto@yahoo.com.br](mailto:antoniogineto@yahoo.com.br)

Como citar:  
JESUS NETO, A. G. Editorial. Mobilidade e  
Circulação na África subsaariana. **Boletim  
GeoÁfrica**, v. 2, n. 6, p. 1-5, abr.-jun. 2023.



## EDITORIAL

### MOBILIDADE E CIRCULAÇÃO NA ÁFRICA SUBSAARIANA



Se por um lado a circulação é estudada na Geografia desde autores clássicos como Friedrich Ratzel, Vidal de La Blache e Camille Vallaux, por outro é hoje incontestável que a mobilidade é uma marca das populações africanas desde ao menos o período das migrações bantu. Atualmente, não faltam exemplos na África subsaariana de grandes projetos destinados a promover uma maior fluidez em escala continental (novos portos, aeroportos, ferrovias, rodovias etc.), projetos estes cada vez mais levados a cabo por parceiros econômicos distintos dos tradicionais investidores do Norte do globo (como China, Índia, Brasil, Turquia etc.). A construção de infraestruturas de circulação de grande porte nos territórios do continente é inevitavelmente ligada ao período da colonização, mas mesmo com as independências nacionais, a preocupação com a circulação nunca saiu da pauta dos novos governos. Pelo contrário, é cada vez mais comum a elaboração de projetos de longo prazo visando integrar a África do ponto de vista continental, regional ou nacional, a despeito das igualmente crescentes disputas políticas e reivindicações comunitárias que colocam em discussão as consequências sociais e ambientais dessas novas mega infraestruturas.

Ao mesmo tempo, na escala urbana, o crescimento impressionante das cidades africanas nas últimas décadas tem levado a uma miríade de novas soluções para a circulação de pequeno alcance (como vans, moto-táxis, bicicletas etc.), sem contar a ainda fundamental circulação no meio rural, muitas vezes realizada em estradas de terra batida e baseada em um ritmo mais lento, em oposição ao imperativo da fluidez que se tenta impor continente (e mundo) afora. É ainda necessário mencionar o quadro de uma circulação aérea em notável transformação na África contemporânea, com a substituição de antigas hegemonias (continentais e externas) por novos agentes, países e cidades envolvidos nessas dinâmicas – mas quase sempre operacionalizadas por robustas companhias aéreas nacionais (de alguma forma na contramão das tendências e discursos internacionais favoráveis à privatização generalizada do setor). Também cabe destacar uma emergente circulação de dados por meio de uma crescente instalação de *datas centers*, cabos de fibra ótica e antenas de telefonia móvel por todo o continente, seja integrando-o internamente e possibilitando uma comunicação mais fluida entre seus habitantes, seja possibilitando uma maior conexão com as redes comunicacionais em escala global.



Do ponto de vista da mobilidade, para além das já bem conhecidas e estudadas dinâmicas históricas como as migrações bantu e o tráfico de escravizados, é inquestionável a centralidade que o movimento populacional tem adquirido no funcionamento das sociedades africanas contemporâneas, seja na diáspora (com o candente tema das remessas internacionais), seja nos fluxos internos do próprio continente – que incluem desde fluxos económicos transfronteiriços rotineiros, até os grandes deslocamentos de refugiados (nem sempre sendo possível distinguir claramente entre eles). Para além destas, dinâmicas como a mobilidade académica e os fluxos turísticos nos ajudam a fechar a tese de que, ao invés de uma região estagnada, imóvel e/ou presa ao passado, a África está em constante e progressivo movimento, razão pela qual o Boletim GeoÁfrica tem o prazer de apresentar um pequeno dossiê sobre *Mobilidade e Circulação na África subsaariana*, buscando apresentar, de alguma maneira, sua diversidade territorial e escalar interna.

3

Abrindo o dossiê, apresentamos uma entrevista com o pesquisador queniano Benard Musembi Kilaka, da Universidade de Gotemburgo (Suécia). Benard pesquisou, em seu doutorado, temas relacionados ao Corredor de Transporte “Lamu Port-South-Sudan-Ethiopia” (LAPSSET), um dos principais exemplos atuais dos mencionados grandes projetos de circulação no continente. Na entrevista, intitulada *O corredor de transporte “Lamu Port-South Sudan-Ethiopia” (LAPSSET): contradições de um mega-projeto de circulação no Leste Africano contemporâneo*, o pesquisador conta um pouco sua trajetória académica, apresenta o projeto LAPSSET, faz um balanço da presença atual de países como China e Brasil na África, discute a pertinência de ainda se almejar a construção de corredores de desenvolvimento no continente, e comenta sobre os desdobramentos locais e comunitários de projetos como o que estudou.

Na mesma linha de discussão, mas com outra abordagem temporal, Cayo de Oliveira Franco e Frédéric Monié, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), argumentam que, no caso da África Austral, os corredores de desenvolvimento parecem estar se deslocando de uma função histórica eminentemente geopolítica (largamente conduzida pela África do Sul do *apartheid*), para uma dimensão cada vez mais geoeconómica, onde Moçambique parece ter um papel especial. No artigo, intitulado *Os corredores de desenvolvimento na África Austral: entre legado geopolítico e desafios geoeconómicos*, os autores partem de uma conceitualização dos corredores de desenvolvimento para sua materialização na região desde o período colonial,



finalizando o texto com as atuais discussões sobre integração regional levadas a cabo por instituições e iniciativas como a SADC e o NEPAD.

Ainda na África Austral, mas enfocando uma escala mais local (de pequena circulação, em contraposição a uma grande), João Carlos Mendes Lima, da Universidade Licungo em Quelimane (Moçambique), apresenta o artigo *Mobilidade e circulação urbana: análise das cidades de Quelimane e Mocuba*. Com auxílio de pesquisas de campo e entrevistas, o autor discute os caminhos pelos quais a bicicleta vem se tornando um meio de transporte cada vez mais comum na região central de Moçambique, mas igualmente apresenta outras modalidades alternativas aos tradicionais ônibus e trens, como o tchopela e o curioso *my love*. Mais do que apenas meios de locomoção, tais veículos abrem também a possibilidade de geração de empregos e renda em cidades carentes de ocupações para seus habitantes, e mostram de alguma maneira a capacidade de adaptação das populações urbanas do Sul do mundo como sempre discutiu o geógrafo brasileiro Milton Santos.



4

Na sessão *Atualidades: Áfricas em Movimentos*, conversamos com Félix Ayoh'Omidire, professor titular de Línguas, Cultura e Literatura na Obafemi Awolowo University, Ile-Ifé (Nigéria). Na entrevista, intitulada *A África, a Nigéria e os iorubás: diálogos com o Brasil, ontem e hoje*, o professor Félix conta um pouco sobre sua antiga relação com o Brasil, e questiona certas visões estereotipadas sobre a África que ainda temos por aqui mesmo nos setores mais progressistas. O professor ainda fala um pouco sobre sua visão do que seria a Nigéria e quais os cruzamentos identitários que perpassam os habitantes dessa formação socioespacial, além de reforçar a importância da Cooperação Sul-Sul no período contemporâneo.



A sessão *Áfricas na Pós-Graduação* apresenta resultados de pesquisas de Mestrado e Doutorado recém-concluídos e cujas temáticas, linhas de abordagem, procedimentos metodológicos e/ou contribuição teórico-conceitual são considerados relevantes. Nesta edição, o pesquisador Asaf Augusto, assistente científico no Departamento de Estudos Religiosos da Universidade de Bayreuth (Alemanha), apresenta sua Tese de Doutorado defendida em 2020.



Acompanhando o tema principal do dossiê temático deste número, sua pesquisa versa sobre a imigração (uma das formas de circulação de pessoas) de trabalhadores portugueses para Angola a partir da crise econômica global de 2007/2008.



Por fim, na sessão *Experiências culturais*, Antonio Gomes de Jesus Neto traça um panorama da música africana politicamente engajada desde o início do processo de descolonização do continente, partindo, no texto *A música como arma na África anti-(e pós-)colonial*, de uma reflexão mais consolidada sobre o músico nigeriano Fela Kuti, mas expandindo-a para diversos outros artistas, de também diversas formações socioespaciais, que oscilaram historicamente entre uma maior aproximação e uma tentativa de distanciamento do poder político em exercício.



Boa Leitura!!!